

COLOCAÇÃO DE PRONOMES CLÍTICOS EM CONTEXTOS SV EM TEXTOS DRAMÁTICOS NORTE-RIO-GRANDENSES

Kássia Kamilla de MOURA

(Bolsistas de Iniciação Científica/Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Marco Antonio MARTINS (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

RESUMO: Apresentamos neste artigo uma descrição dos padrões empíricos de colocação dos pronomes clíticos em orações finitas não dependentes em que o verbo é antecedido por um sujeito lexical (contexto SV), não focalizado, em dez textos dramáticos escritos por brasileiros nascidos no Rio Grande do Norte no curso dos séculos 19 e 20. Os resultados mostram que quando o sujeito é realizado por um SN a variação ênclise/próclise é bastante significativa: em textos do século 19, há maior recorrência de ênclise; em textos do século 20, a recorrência da próclise é mais significativa.

PALAVRAS-CHAVES: Pronomes clíticos. Português Brasileiro. Escrita norte-rio-grandense

1. Introdução

Não há loteria sem apostadores; [...], nem tampouco “caos” lingüístico, sem
variantes!
(TARALLO, 2007, p.33)

Apresentamos, neste trabalho, a descrição dos padrões empíricos de colocação de pronomes clíticos em orações finitas não dependentes em que o verbo é precedido por um sujeito realizado lexicalmente em dez peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no estado do Rio Grande do Norte (RN) no curso dos séculos 19 e 20. A análise tem por base os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

A escolha do gênero textual se justifica pelo fato de entendermos que as peças teatrais são textos escritos para serem, predominantemente, apresentados, e, portanto, devem possuir uma maior maleabilidade em relação às regras (e pressões) da escrita. Ou seja, acreditamos que a escrita, nesse gênero textual, se aproxima mais da oralidade. Os textos que compõem o nosso corpus são: de autores nascidos no século 19: *Providência* (1904), *Brasileiros e Portugueses* (1905) e *A Louca da montanha* (1906), de Manuel Segundo Wanderley (1860-1909); *A mortalha de rosas* (1927) de Ezequiel Wanderley (1872-1933); de autores nascidos no século 20: *Consolação* (1967) e *7 de setembro* (1967), de Afonso Bezerra (1907-1930); *A Pedra do Navio* (1979), de João Denys Araújo Leite (1957-); *As Velhas* (2007), de Maria De Lourdes Nunes Ramalho (1923-); e *Chico Cobra e Lazarino* (2007), de Racine Santos (1948).

2. Fundamentos Teóricos

No que diz respeito aos pressupostos da teoria da variação e mudança linguística, é possível afirmar que a mudança não afeta a estrutura da língua; ou seja, a língua continua estruturada enquanto as mudanças vão ocorrendo. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968 – WLH, doravante), o lugar da mudança linguística é a comunidade de fala (o grupo social). Para os autores, fatores linguísticos e sociais estão fortemente correlacionados no desenvolvimento da mudança linguística.

WLH sugerem um modelo de língua que acomoda os usos variáveis e seus determinantes sociais e estilísticos, os quais não só leva a descrições mais adequadas da

competência linguística, como naturalmente suscita fundamentos para uma teoria da mudança linguística que ultrapassa os paradoxos estéreis contra os quais a linguística histórica tem se debatido por mais de meio século. Assim, a variação não é aleatória, desregrada ou caótica. Pelo contrário, se mostra sempre motivada, tanto por fatores linguísticos (estruturais) quanto extralinguísticos (sociais ou estilísticos).

Os falantes marcam sua história e identidade pessoal, assim como suas características socioculturais, econômicas e geográficas no tempo e no espaço, em sua língua. E, desse modo, a língua possui uma função social, como meio de comunicação e como modo de identificar grupos sociais.

No que diz respeito aos pronomes clíticos, de acordo com Lobo (2002), em seu estudo acerca da colocação dos clíticos no Português Brasileiro (PB), com base em amostra extraída do *Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta* (NURC), de língua falada, a regra geral é a próclise, sendo a ênclise favorecida pelo *se* indeterminador e categórica com infinitivo. Para Lobo (2002), a ocorrência da colocação pré-verbal na norma oral culta brasileira não reflete, EM SIM E POR SI, padrões vernáculos do Português Brasileiro, sendo reflexo recuperado de uma perda diacrônica através da escolarização. Este fato sociolinguístico é também acompanhado de uma consequência sociolinguística: a elevação da colocação pós-verbal à condição de variante de prestígio. A ocorrência pós-verbal do clítico parece ter os seus dias contados mesmo na fala de brasileiros escolarizados em situação formal de comunicação. Diferentemente, na gramática do Português Europeu (PE), a Lei Tobler-Mussafia parece ainda operar e impedir a ocorrência de pronomes clíticos em posição inicial absoluta da oração (cf. LOBO, 2002, p.96).

Algumas gramáticas tradicionais, especialmente Cunha e Cintra (2008), continuam afirmando que o padrão de colocação de pronomes clíticos é a ênclise, tal qual ocorre no PE (cf. MIRA MATEUS *et all*, 2003). No PE, o que respeita ao padrão de ordenação em contexto SV, o padrão esperado para contextos em que o sujeito é realizado por Sintagmas Nominais (SN) ou um pronome pessoal é a ênclise, excetuando-se, apenas, quando o sujeito é realizado por outros sintagmas pronominais (ex. pronomes interrogativo, demonstrativo, indefinido).

E importante referir que, se por um lado, na visão de gramáticos como Cunha e Cintra (2008), o padrão esperado para sujeitos realizados por um SN é a ênclise e para sujeitos realizados por sintagmas pronominais o padrão esperado é a próclise, outros gramáticos do Português Brasileiro, como Perini (2010) e Castilho (2010), afirmam que a próclise é a forma normal padrão em contextos que o sujeito é realizado por um SN ou um sintagma pronominal.

3. Resultados

O foco de nossa análise é a variação ênclise/próclise em contexto SV, considerando diferentes variáveis independentes que influenciam o uso de uma ou outra variante – das ordens Sujeito-clítico-Verbo (ScIv) e Sujeito-Verbo-clítico (SVcl)¹. Os dados coletados foram categorizados de acordo com a metodologia da sociolinguística variacionista e

¹É importante registrar que as orações com sujeitos com marcas explícitas de focalização, conforme exemplo em (i) a seguir, encontradas nos textos não foram computadas na análise.

(i) *Helena – Estas palavras não são mais do que gottas de fel distilladas pelos poros da desventura. Nas circunstancias em que nos achamos SÓ uma atitude NOS é permitida: a resignação.* (WANDERLEY, Manuel Segundo. *A Providência*. 1904)

Também não foram computadas orações que constituem expressões fixas, tais como as listadas a seguir em (ii). Segundo Martins (2009, p. 114), a próclise é categórica nessas construções.

(ii) *Lazarino- DEUS ME Livre e NOSSA SENHORA ME proteja de um pensamento desse.* (SANTOS, Racine. *Chico Cobra e Lazarino*. 2007)

submetidos aos programas do pacote estatístico GOLDVARB2001 (cf. ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001).

Dentre as variáveis independentes controladas, observamos as sociais/estilísticas (i) *ano de produção/publicação das peças de teatro* e (ii) *ano de nascimento dos autores* e a linguística (iii) *natureza do sujeito*, com os seguintes fatores:

a. Sujeito realizado por um SN

- (1) D.Leonor – Obedeço. O futuro SE encarregará de responder por mim. (WANDERLEY, Manuel Segundo. *Brasileiros e Portugueses* 1968)
- (2) Visconde – O fanatismo cega-TE. (WANDERLEY, Manuel Segundo. *A Providência*. 1904)

b. Sujeito realizado por um pronome pessoal;

- (3) Carlos - Ergue-te, Lucia, estaes justificada. Eu TE perdoo. (WANDERLEY, Manuel Segundo, 1860. *A Louca da montanha*, 1906)
- (4) Lauro – [...] Eu TE bendigo, meu Deus!!!... (PERREIRA, Nilo e BEZERRA, Afonso. *Consolação*. 1967)

c. Sujeito realizado por um pronome interrogativo (sintagmas Q);

- (5) Tomás- ô língua de prata. Só falo disso quando encontro pareceira. Que ME compra hoje? (RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *As Velhas*. 2007)
- (6) Visconde – E quem ME salvará da miséria? Quem ME salvará da ignomínia?(WANDERLEY, Manuel Segundo. *A Providência*. 1904)

d. Sujeito realizado por um pronome demonstrativo;

- (7) D.Leonor – Oh! É demais! Este cinismo revolta-ME. (WANDERLEY, Manuel Segundo. *Brasileiros e Portugueses*, (1ª Ed. 1892)1968)
- (8) Barão - Oh! Esta mulher ME precipita. (*quer avançar para Lucia*). (WANDERLEY, Manuel Segundo. *A Louca da Montanha*, 1906. Manuscrito do autor)

e. Sujeito complexo (ou pesado);

- (9) 3º Comerciante- “[...] um avestruz merece mais conceito qua republica e o leão que era o rei dos animais, tornou-SE o rei da humanidade.” (WANDERLEY, Manuel Segundo. *Providência*, 1904)
- (10) Coronel – Nada de recuar. A sorte está lançada. Se ficarmos esmagados na luta, resta-nos o consolo de legarmos aos nossos descendentes a verdade de nossas crenças, a pureza de nossos princípios, a magestade de nosso exemplo. Quem tomba com honra levanta-SE com glória. Quem sucumbe por uma idéia ressuscita na posteridade. (WANDERLEY, Manuel Segundo. *Brasileiros e Portugueses*. 1968)

f. Sujeito realizado por um pronome indefinido²;

² Martins (2009, p.117) faz opção por classificar de modo separado as orações iniciadas por sujeitos e expressões quantificadas, pois, afirma que a próclise é o padrão, nesse contexto, mas, há casos em que a ênclise é atestada.

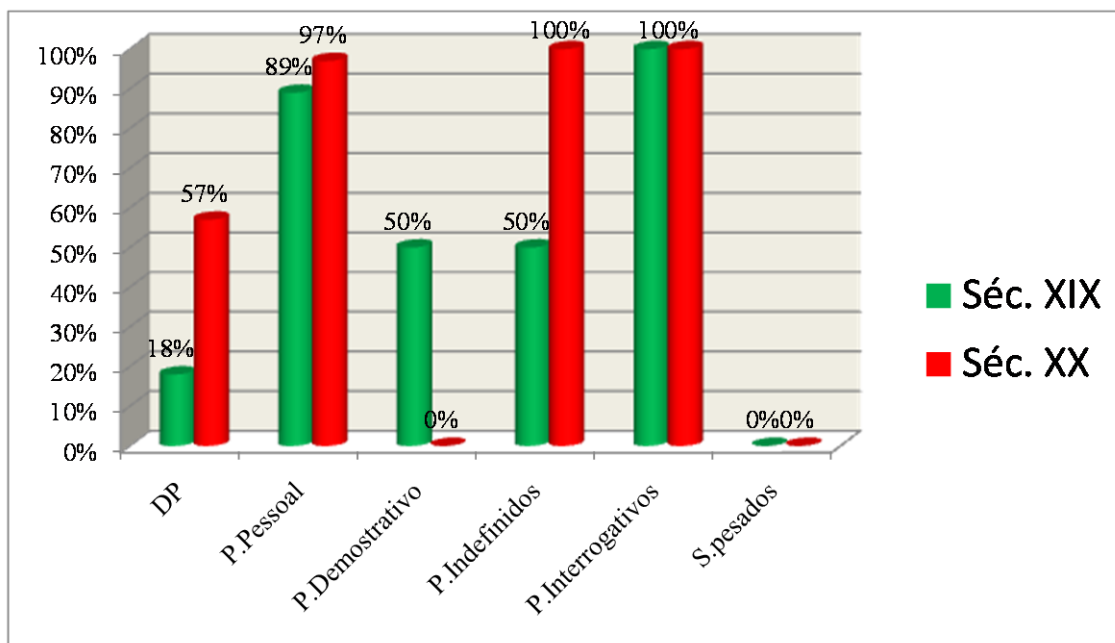
- (11) Chico Cobra- [...] Ô raiz poderosa!E quando masco um pedacinho dela, no meu ritual sagrado, aí o sol toma conta da minha visão. Por isso conheço um a um os moradores daqui, conheço Coité como a palma de minha mão. Ninguém ME engana, sei muito bem quem presta e quem não presta. [...]. (SANTOS, Racine. *Chico Cobra e Lazarino*. 2007)
- (12) General – Amanhã... ou seremos cadáveres e nada precisamos, ou seremos vitoriosos e teremos tudo. Coronel, o inimigo ataca-nos no ultimo de nossos redutos. É preciso que vendamos caras as nossas vidas. É mister vingar a todo transe o suplicio de Abreu e Lima, elevar bem alto o ideal de Tiradentes e dizer como Francisco I na batalha de Paiva: Tudo perdeu-SE menos a honra. (WANDERLEY, Manuel Segundo. *Brasileiros e Portugueses*, (1ª Ed. 1892) 1968, P.43)

Em nossa análise obtivemos, no total, a soma de 149 orações, sendo ($\approx 70\%$) de próclise e 45 ($\approx 30\%$) de ênclise. A tabela 1 e os gráficos da figura 1, a seguir, apresentam os percentuais de próclises na amostra, a partir de rodadas com o programa estatístico GOLDVARB2001.

TABELA 1: Frequência de próclise – cruzamento entre as variáveis *natureza de S* e *século*.

SÉCULO	SN	Pronome Pessoal	Pronome Demonstrativo	Pronome Indefinido	Pronome Interrogativo	Sujeitos pesados
Séc. XIX	6/33 – 18%	39/44 – 89%	1/2 – 50%	1/2 – 50%	7/7 – 100%	0/3 – 0%
Séc. XX	4/14 – 57%	31/32 – 97%	SEM DADOS	5/5 – 100%	6/6 – 100%	0/1 – 0%
TOTAL	14/47 – 30%	70/76 – 92%	1/2 – 50%	6/7 – 86%	13/13 – 100%	0/4 – 0%

FIGURA 1: Frequência de próclises entre as variáveis: *natureza do S* e *século*



Observamos que os textos de norte-rio-grandenses nascidos no século 19 apresentam variação quando o sujeito é realizado por um SN (18%), um pronome pessoal (89%) ou um pronome demonstrativo (50%). Encontramos um único dado com ênclise com um pronome indefinido, conforme dado em (12) acima. Com pronomes interrogativos, a próclise é categórica e com sujeitos pesados a ênclise é categórica. Observe-se que há uma assimetria entre as próclises encontradas em orações com sujeitos SN (com pouca recorrência da próclise

– 18%) e com sujeitos realizados por pronomes pessoais (com alta recorrência – 89%). Podemos justificar que as ênclises que aparecem em contextos com sujeitos SNs nos textos escritos no século 19 estão associadas à imposição da norma do Português Europeu.

Nos textos de autores nascidos no século 20, encontramos os seguintes números: 57% de próclises com sujeito SN e 97% de próclise com pronominal pessoal; próclise categórica em orações com pronomes indefinidos e interrogativos; e ausência de próclise em orações com sujeitos pesados. Se focalizarmos as construções com SN, podemos concluir que os números revelam a preferência pelo uso da próclise na escrita de brasileiros nascidos no RN no século 20. Esses resultados descrevem na escrita norte-rio-grandense os mesmos padrões apresentados nos estudos de Martins (2009) e Carneiro (2005) acerca da ordem dos pronomes clíticos na história do Português Brasileiro.

As ocorrências de próclise por natureza do sujeito e por ano de nascimento dos autores estão listadas na tabela 2, a seguir.

TABELA 2: Frequência de próclise cruzamento entre as variáveis *natureza do sujeito* e o *ano de nascimento dos autores*.

AUTOR/ANO DE NASCIMENTO	SN	Pronome Pessoal	Pronome Demonstrativo	Pronome Indefinido	Pronome Interrogativo	Sujeitos pesados
Segundo Wanderley (1860-1909)	5/31 – 16%	31/35 – 89%	1/2 – 50%	1/2 – 50%	5/5 – 100%	0/3 – 0%
Ezequiel Wanderley (1872-1933)	SEM DADOS	7/7 – 100%	SEM DADOS	SEM DADOS	2/2 – 100%	SEM DADOS
Jorge Fernandes (1887)	1/2 – 50%	1/2 – 50%	SEM DADOS	SEM DADOS	SEM DADOS	SEM DADOS
Afonso Bezerra (1907)	1/5 – 20%	1/2 – 50%	SEM DADOS	1/1 – 100%	SEM DADOS	SEM DADOS
Nunes Ramalho (1923-)	1/5 – 20%	12/12 – 100%	SEM DADOS	2/2 – 100%	4/4 – 100%	SEM DADOS
Racine Santos (1948-)	2/2 – 100%	8/8 – 100%	SEM DADOS	1/1 – 100%	SEM DADOS	SEM DADOS
João Denys (1957-)	4/5 – 80%	10/10 – 100%	SEM DADOS	1/1 – 100%	2/2 – 100%	SEM DADOS
TOTAL	14/47 – 30%	70/76 – 92%	1/2 – 50%	6/7 – 86%	13/13 – 100%	0/4 – 0%

Observe-se que nos textos de Segundo Wanderley, nascido em 1860, a recorrência da próclise em contexto SNV é muito pouco recorrente – 5 ocorrências de 31 dados – o que coloca esse autor como principal representante do padrão da gramática do Português Europeu.

4. Considerações finais

Diversos estudos como Lobo (2002), Galves e Abaurre (2002), Carneiro (2005), Martins (2007, 2009) e Perini (2010) afirmam que a próclise é categórica no Português Brasileiro. Na direção apontada por esses estudos, os resultados obtidos com esta pesquisa mostram que, na escrita de autores norte-rio-grandenses, a próclise em contexto SV é a variante mais recorrente em textos de brasileiros nascidos no século 20. Em particular, quando o sujeito é realizado por um SN a variação ênclise/próclise é bastante significativa: em textos do século 19 há maior recorrência de ênclise; em textos do século 20 a recorrência da próclise é mais significativa.

Referências

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Cartas Brasileiras (1808-1904):** um estudo lingüístico-filológico. Campinas, SP: [s.n.], 2005.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- GALVES, Charlotte; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, Ataliba, T. de. *et al.* (orgs.). **Gramática do português falado.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- LOBO, Tânia. A sintaxe dos clíticos: o século XVI, o século XX e a constituição da norma padrão. In: MATOS E SILVA, Rosa Virginia; Machado filho, Américo Venâncio Lopes (orgs.). **O português quinhentista:** Estudos linguísticos. Salvador: EDUFBA, 2002.
- MARTINS, Marco Antonio. **Clíticos e sujeitos pré-verbais:** gramáticas do português no Brasil dos séculos 19 e 20. Cadernos de pesquisa em lingüística (PUCRS), v. 3, p. 62-72, 2007.
- _____. **Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20.** Tese de Doutorado, Programa de pós-graduação em Linguística/UFSC, 2009.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et all.* **Gramática da Língua Portuguesa,** Lisboa: Caminho, 2003.
- PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial. 2010.
- TARALLO, Fernando. **Pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2007.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo. Parábola: 2006.